

39

Agora, os mais pacientes poderão ri-nse aírter:

— Não, um texto que elogia os mapas! E não há que esconder: a retórica de um discurso do gênero epidéutico, sobretudo quando pressupõe um auditório particular (o de uma revista), mais que convencer deseja fortalecer a crença.

Fazendo "mapas" consegue-se simultaneamente a necessidade exige da publicação. Porque se não fazemos "teoria" vamos sair no mesmo (único) caminho, pôlo método empregue." Cartografiafar é relacionar (correcto, também pode ser desenhar).

Então, a premonição correta para este texto seria: — Ó não, mais uma apologia dos concursos! Porque, que melhor mapa podemos ter de um lugar do que a projecção simultânea das suas possibilidades. Se o resultado de um concurso não tiver de ser a problemática escolha de um vencedor, podemos criar "gigantescas salas de aulas" de arquitetura.

É claro que para a lição ser produtiva teríamos de aprender com Deleuze a considerar "a diferença" (é a "repeligrão") na sobreposição (vegais) do múltiplo que é quase o contrário de só um caminho, o oposto de não ter problema e esperar...

Então, com prejuízos inicialmente, para pensar ou

gar, não devíamos ter escrito este texto mas, antes ter participado num concurso.

Mas, também os concursos encerram a sua linguagem, para se entrar neles é o programa. Na sua falta de descrições que, como nas cartas topográficas, mostram a complexidade de um território, a forma resultante da ação geodómica que, silenciosamente, se encontra a uma massa aparentemente inócuas mas suculata por correntes, fluxos, mudanças e interações que provocam interessantes mutações.

Sola-Morales, Ignasi (1995) - Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea. 2. ed. Barcelona: CG 1995, p. 14.

11 "(...) the construction of maps, of descriptions that just reflect the topographic charts, show the complexity of a territory, the finishing shape of the geological agents that, silently, face themselves in a mass apparently immobile but shaped by currents, fluxes, changes and interactions that provoke mutations in a subtle way." (Sola-Morales, Ignasi (1995)

But competitions also have a language game that can make us "lose ourselves" inside them (even if we know the place well). Because the first reference to enter them is the program. In its shortest we still have the real purpose of a competition (repeating ourselves); they prove that the visible waste of time of the teams offers itself as a contribution for definition of a wide perspective of this society's possibilities that is why must compete, to present new conceptions because (effectively) there is no project. To note the possibilities of [a given future] visible that cannot be ordered with.

To organize competitions even if it is not to build, may sustain the evidence that we can defend more (and at least built a better program).¹²

So, this text can be a proposal for a competition (without drawing); for example, we propose ourselves to built a blue book. We will be, even without a program, ahead of amigos. But, even built at the door," the places were they just us. Because we know that, think of moves, to told a bank there is always (like a checkbook) a map that way (by drawing map) that we came to know "our world".

(é transformando "a place")¹³

10 "O discurso epidéutico - e todo a educação - visam menos uma alteração das diferenças diaquim acriscinadas a este ao que já é aceito..." (Deleuze, G. & Parnet, C. A. Olbrechts-Dycka L., 1958. Tratado de Argumentação, 1ºed. Lisboa: Plage, 2006, p.64)

10 "The epidemic speech - and all of education - focuses less on a change of beliefs than on addition of the adhesion to which is already accepted - a perception that is already accepted - perturbante, " (Deleuze, G. & Parnet, C. A. Olbrechts-Dycka L., 1958. Tratado de Argumentação, 1ºed. Lisboa: Plage, 2006, p.64)

11 "(...) a construção de mapas, de descrições que, como nas cartas topográficas, mostram a complexidade de um território, a forma resultante da ação geodómica que, silenciosamente, se encontra a uma massa aparentemente inócuas mas suculata por correntes, fluxos, mudanças e interações que provocam interessantes mutações."

Sola-Morales, Ignasi (1995)

- Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea. 2. ed. Barcelona: CG 1995, p. 14.

11 "(...) the construction of maps, of descriptions that just reflect the topographic charts, show the complexity of a territory, the finishing shape of the geological agents that, silently, face themselves in a mass apparently immobile but shaped by currents, fluxes, changes and interactions that provoke mutations in a subtle way." (Sola-Morales, Ignasi (1995)

But competitions also have a language game that can make us "lose ourselves" inside them (even if we know the place well). Because the first reference to enter them is the program. In its shortest we still have the real purpose of a competition (repeating ourselves); they prove that the visible waste of time of the teams offers itself as a contribution for definition of a wide perspective of this society's possibilities that is why must compete, to present new conceptions because (effectively) there is no project. To note the possibilities of [a given future] visible that cannot be ordered with.

To organize competitions even if it is not to build, may sustain the evidence that we can defend more (and at least built a better program).¹²

So, this text can be a proposal for a competition (without drawing); for example, we propose ourselves to built a blue book. We will be, even without a program, ahead of amigos. But, even built at the door," the places were they just us. Because we know that, think of moves, to told a bank there is always (like a checkbook) a map that way (by drawing map) that we came to know "our world".

(é transformando "a place")¹³

Pedro (2009). "Concursos pouident do mundo" (interveniente) In Documentação para o 12º Congresso dos Arquitectos, OA

13 Furtado, Gonçalo, Santos, Pedro (2009). "Concursos pouident do mundo" (interveniente) In Documentação para o 12º Congresso dos Arquitectos, OA

er, Alfred (1936). Language, mind and logic. Dover, NY, p. 86

excedentes aquela o velho princípio

de que a aritmética por si mesma

introduz demonstrações de que a

relações de igualdade, mas

uma geometria deve ser ensinada

despois, pois demonstra a

aplicabilidade da igualdade.

Reaull, Michael (1970). A

discussão em torno da

educação matemática

na perspectiva da filosofia

matemática. Ph.D. diss.,

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil.

14 Arquitectos y Kibernetique?

O Discurso em torno da

educação matemática

Yuri Farilev. Bolet. 3, 372, p. 27.

Vemos, então, as potencialidades da linguagem na sua articulação de símbolos para "produzir" penssar. Como Alfred Jules Ayer, em Linguagem, Verdade e Logica, deixa evidente: "é fácil ver que o perigo des erre

blicos capazes de minimizar erros, é o dos nossos

dedos. Com os dedos executaram facilmente opera-

ções de somar ou subtrair. Contudo "contar pelas dedos" é feito" porque a instrução quer se dirigir à mente.

O aluno deve "fazer contas de cabeça" prescindindo da

segurança física de ver a matemática nas suas mãos.

Impõe-se a divisão do corpo - mente, para além que a "cabeça" pensa. Mas, toda a representação e esforço "educativo" não conseguem apagar a forma do corpo que está nos números. Quer os números se escarem com teiras (românicas), algarismos (que estavam adaptadas às hindus) ou quase desenhos (caracteres chineses), elas transportam na sua base a coincidência de, quase todos, termos diaféticos.

15 Aquele que é esse prazer pode ser uma resposta óbvia à

hábitos (e "impossível" desse texto) apresentados, ainda,

um outro argumento em favor da questão da autama-

gica da aritmética. Como compreendemos uma equação?

Resolvemo-la? Ou desenhiamo-la? O que é um gráfico

se não um desenho? Um risco que compreende todos

os pontos eixitos para o nosso "x". Où, an contrário, da

experiencia que faz variar a concentração ou o tempo da reacção, tomamos um valor para contrapor à recta ou

à curva "perfeita", como a de uma bala de canhão. Sem

querer evocar a pronúncia da aritmética ou a geometria

consoante os interesses dos mundos ou a produtivida-

dade enfantadora de "outras" geometrias, voltarmos

ao nosso problema (de pensar o lugar).

Presos às forças (do destino) do nosso texto que nos recusou as letras e despois inviabilizou os números, como escapar?

Torna-se claro que o conveniente para sair de um "lu-

gar" é precisamente ter um mapa. E já agora, salve-lhe o mapa. O que indica que fazer um mapa é escrever (quase sem letras...), vez é quase só o trânsito de um gráfico que pode ser dito; porque a linha virá à direita de

pois a esquerda. —) O mapa que nós da constante

coordinadas da nossa posição, tem precisamente

o conceito do inicio, um mapa que se actualiza e que, por isto, perde a validade e se move (no mundo) que

se altera.

16 Alfred (1936). Language, mind and logic, Dover, NY, p. 86

excedentes aquela o velho princípio

de que a aritmética por si mesma

introduz demonstrações de que a

relações de igualdade, mas

uma geometria deve ser

ensinada despois, pois demonstra a

aplicabilidade da igualdade.

Reaull, Michael (1970). A

discussão em torno da

educação matemática

Yuri Farilev. Bolet. 3, 372, p. 27.

er, Alfred (1936). Language,

mind and logic, Dover, NY, p. 86

excedentes aquela o velho princípio

de que a aritmética por si mesma

introduz demonstrações de que a

relações de igualdade, mas

uma geometria deve ser

ensinada despois, pois demonstra a

aplicabilidade da igualdade.

Reaull, Michael (1970). A

discussão em torno da

educação matemática

Yuri Farilev. Bolet. 3, 372, p. 27.

er, Alfred (1936). Language,

mind and logic, Dover, NY, p. 86

excedentes aquela o velho princípio

de que a aritmética por si mesma

introduz demonstrações de que a

relações de igualdade, mas

uma geometria deve ser

ensinada despois, pois demonstra a

aplicabilidade da igualdade.

Reaull, Michael (1970). A

discussão em torno da

educação matemática

Yuri Farilev. Bolet. 3, 372, p. 27.

er, Alfred (1936). Language,

mind and logic, Dover, NY, p. 86